

A GUERRA DO PARAGUAI NO ARCÁDIA

LUIZ HENRIQUE TORRES*

RESUMO: O artigo analisa a abordagem referente à Guerra do Paraguai realizada pelo jornal literário Arcádia, editado na cidade do Rio Grande.

PALAVRAS-CHAVE: Arcádia; Guerra do Paraguai; imprensa literária.

ABSTRACT: The article analyzes the approach related to the Paraguayan War held by Arcadia literary journal, published in the city of Rio Grande.

KEYWORDS: Arcadia; War of Paraguay; literary press.

A cidade do Rio Grande, teve relevante destaque no contexto do jornalismo rio-grandense, pela quantidade, qualidade e até pela longevidade de sua produção jornalística. Nesta localidade, a partir de 1832, desenvolveram-se todos os gêneros de jornais: de periodicidade indefinida a periódicos (mensais, quinzenais, hebdomadários e diários); pasquins, caricatos e noticiosos; políticos, literários, comerciais, religiosos, dos trabalhadores e de outros gêneros. Desta forma, o jornalismo em Rio Grande foi multifacetado em gêneros, editando pequenos jornais ou grandes diários. “Apesar da sobrevivência em geral curta e da periodicidade não-diária e/ou irregular dessas folhas, elas circularam de forma praticamente ininterrupta ao longo do século XIX, marcando sua presença e refletindo a própria formação histórica rio-grandina” (ALVES, 1999: 56).

A divulgação da literatura rio-grandense no século XIX está

* Doutor em História pela PUCRS. Professor da Universidade Federal do Rio Grande

intimamente vinculada ao aparecimento da imprensa. Frente às dificuldades financeiras, autores recorriam aos periódicos para publicarem suas obras. Os escritos literários são encontrados nos mais diferenciados periódicos, destacando-se neste artigo o *Arcádia* (1867-70). O objetivo é analisar como este periódico se posicionou frente ao mais importante conflito militar que o Brasil já esteve envolvido: a Guerra do Paraguai. Na análise deste conflito, a partir da década de 1970, uma historiografia revisionista com ênfase no imperialismo dominou o cenário intelectual. Os escritos literários produzidos no ‘calor da hora’ em sincronia com os eventos da Guerra do Paraguai, permite construir um novo olhar sobre este trágico confronto que contribuiu para a construção da nacionalidade brasileira.

A literatura romântica e nacionalista

Entre a segunda metade da década de 1840 e o final da década de 1860, o jornalismo da cidade do Rio Grande sofreu transformações e aprimoramentos, superando a publicação de periódicos necessariamente voltados à defesa político-partidária. Com crescimento do número de jornais, aparecem grandes jornais diários que buscavam um caráter noticioso e informativo; os pasquins, numa linguagem informativa e com enfoque pessoal; e a imprensa voltada a divulgação da literatura.

O interesse pelas idéias românticas e nacionalistas desenvolvidas no centro do país, assim como a abertura de reflexões sobre a literatura regional e a nacionalidade literária, estão presentes em periódicos de duração efêmera, porém a *Arcádia* “marcaria sua presença por um espaço de tempo maior e por seu caráter definitivo. Entre 1867 e 1870, o periódico rio-grandino impulsiona a discussão do fenômeno literário, numa continuação da linha de pensamento dos românticos brasileiros” (MOREIRA: 1991: 148-9).

Conforme Baumgarten, o primeiro periódico importante para a história da crítica literária do Rio Grande do Sul é a *Arcádia*, pois congregou junto de si os primeiros críticos literários.

Entre os colaboradores estão Apolinário Porto Alegre, Bernardo Taveira Júnior, Aquiles e Apeles Porto Alegre, Glodomiro Paredes e outros. O português Antônio Joaquim Dias foi o proprietário, responsável pelo lançamento de quatro séries, sendo as três primeiras publicadas em Rio Grande e a última em Pelotas. “Apesar da denominação, a *Arcádia* foi um dos primeiros veículos a se empenhar na divulgação do ideário romântico, então em fase de afirmação no Rio Grande do Sul” (BAUMGARTEN, 1997: 66).

A publicação, lançada às segundas-feiras, estava voltada a difusão de textos literários, especialmente autores rio-grandenses; ensaios de história e artigos de crítica literária; levantamentos biográficos de vultos da história pátria e do Rio Grande do Sul, com destaque ao espírito de liderança e o sentido de honra e dever de personagens privilegiados. A definição de temáticas, a busca de uma identidade regional frente ao nacional, o posicionamento anti-escravista e sensibilizador do sofrimento promovido pela escravidão, o conflito liberal/conservador/centralizador, já permeia algumas preocupações sobre o futuro da Província e as alternativas de desenvolvimento para a cidade do Rio Grande. Porém, alternativas com enfoque nas especificidades da Província e a autonomia do regional frente ao nacional, -tema tratado pela historiografia republicana a partir de 1882-, não assumem este sentido no periódico. Entretanto, a reflexão da identidade regional começa a constituir uma busca intelectual que tomará forma cabal na cidade de Porto Alegre com o *Partenon Literário*.

Apesar da busca de superação, os problemas financeiros para manutenção do jornal tornam-se insuportáveis quando do lançamento da quarta e última série do periódico em 1870. O desabafo do seu proprietário sintetiza as dificuldades:

Arcar com o indiferentismo de uma época de puro cálculo aritmético e conveniência monetária; passar incólume por essa imensa multidão de egoístas, invejosos e estúpidos; vencer esta turbamulta de agiotas e interesseiros, que cuidam da burra e do estômago, indivíduos que dispõem da inteligência por medida e da ilustração por grama, rir desses racionais e amilhados, desprezando-lhes a impostura e o dinheiro, é de certo modo, uma vitória (DIAS, 1870: 297).

Fomentando a expressão literária e reflexões sobre a identidade rio-grandense, a contribuição do Jornal *Arcádia* representa um importante caminho desta construção de um procedimento intelectual para explicar a realidade. Constatase que os modelos buscados para a criação intelectual, transferem ao território sulino os parâmetros estéticos derivados do Romantismo e que servem de orientação para o desenvolvimento da literatura brasileira. O encaminhamento é idêntico ao realizado por críticos do Rio de Janeiro e São Paulo e as matérias dos escritores locais revelam que a intenção da Província “é de se ajustar a essas teses, introduzindo o Rio Grande no debate sobre as questões relativas à natureza da literatura nacional” (MOREIRA, 1991: 155).

A Guerra do Paraguai

A *Arcádia* surge em Rio Grande num momento de crise econômica advinda da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). O Império do Brasil nas décadas de 1850-60, estava em crise financeira. Os gastos militares representavam a metade das despesas imperiais e, durante a Guerra do Paraguai, aumentou para cerca de três quintos do orçamento (PINTO, 2006: 97-121). Em Rio Grande, inclusive homens que trabalhavam no comércio, eram convocados para a guerra. A cidade, na década de 1860, já se consolida como uma praça econômica essencial para a Província. A presença do porto marítimo fez surgir um significativo comércio de exportação e importação e elites ligadas ao capitalismo comercial com conexões nos portos de Hamburgo, Liverpool, Lisboa, Boston etc, buscavam aformoseamentos urbanos em sintonia com os padrões estéticos e de consumo vigentes na Europa. Mesmo que o fluxo de exportação esteja ligado principalmente aos derivados da pecuária, atividade tradicional do Rio Grande do Sul luso-brasileiro, a elite da cidade, através das importações, mantém-se em sintonia com o consumo europeu de bens culturais e mercadorias (ALVES & TORRES: 1995). Daí a *Arcádia* surgir um ano antes do Partenon Literário em Porto Alegre, e ser ela, a *Arcádia*, a saudar com alegria o

surgimento de um parceiro que teria sua primeira publicação no ano de 1869.

Algumas temáticas presentes na *Arcádia*, permite pensar o ideário que ela busca divulgar. A forte presença do pensamento liberal e a aversão à tirania é uma das convergências principais em vários artigos que contrapõem liberdade e escravidão. Inclusive com condenações (mesmo que sutis) ao próprio sistema escravista como na poesia “O Escravo” de Fernando Ozório: “E que Deus odeia a escravidão! Entre nós deve haver toda a igualdade. Em cada coração, por entre as carnes. Escrito deve estar – Fraternidade!” (OZÓRIO, 1868: 62). Em matéria não assinada de 1869, afirma-se que “o elemento servil é um mal; problema definido por si mesmo, porque é o fruto da opressão do forte sobre o fraco” (ARCÁDIA, 1869: 233).

A construção do inimigo, ‘no calor da hora’, evidencia a luta da liberdade contra a escravidão oriunda dos caudilhos platinos. No artigo de Antonio de Maria Pinto “A Invasão da Fronteira de Jaguarão,” a presença de caudilhos foi vista como ação de uma “horda de verdadeiros salteadores, arvorados em soldados da vanguarda do exército oriental”. O povo jaguareense, “repelindo a invasão, cobriu-se de glória. Deu a pátria mais um dia de verdadeiro regozijo, e castigou, com altivez e bravura o vandalismo dos átilas da América do sul! (...) este povo compreendeu e desempenhou o mais sagrado dos deveres do cidadão: viver com a pátria ou morrer com ela” (PINTO, 1868: 49).

O grande tema do ano, em que se vislumbrava o final da guerra, estava ligado a passagem de Humaitá no Rio Paraguai e a ocupação pelos aliados desta poderosa fortaleza paraguaia. A passagem de Humaitá pela esquadra brasileira, é um dos feitos “mais grandiosos da marinha de guerra e que seus anais levarão a posteridade em brilhantes páginas (...) Mais uma vez os filhos do gigante império sul-americano, deram provas dessa coragem prudente, que tanto os distingue – atributo do homem civilizado que respira o ar da liberdade” (TIBULLO, 1968:50). A expectativa é de que a ditadura de Solano Lopez estava em seu final: “o pobre povo que ele tem fanatizado e oprimido, dentro em pouco será livre. Ao Brasil deverá ele sua liberdade. A escravidão de um povo,

como já dizemos, não pode ser eterna. Os triunfos da barbárie são apenas momentos. E o poder dos tiranos é zero quando deus diz – basta” (TIBULLO, 1868: 52).

Devido a passagem de Humaitá ocorreram marcantes festas populares em Rio Grande. No dia 5 de março uma companhia dramática deu uma representação em

regozijo as importantes notícias. O teatro estava repleto de espectadores. Depois de cantado o hino nacional, por toda a companhia, o sr. Subdelegado soltou diferentes vivas que foram com explosão correspondidos. Em seguida, ouviram-se muitos recitativos análogo aos festejo, primeiramente os srs. Zeferino Rodrigues filho, C.L. Jardim, Menezes Paredes, João Borges, Apolinário Porto Alegre e os atores Lisboa e Barbosa, já pela eloquência, já pelo mérito das produções. O entusiasmo tocava ao frenezi, cavalheiros e damas tomavam igual parte no grande festim. Findo o espetáculo ainda a patriótica união comercial percorreu as ruas, sempre acompanhada de imenso povo, que não cessava de entoar hossanas. Toda a cidade adorna-se de primorosas galas. Iluminação e músicas pelas principais ruas. Entusiásticos vivas e demonstrações de júbilo. Espetáculo e recitações (ARCÁDIA, 1868: 39).

A queda de Humaitá aparece no periódico como o ápice do conflito! Estrategicamente é a derrota de Solano Lopez que comandava pessoalmente a fortificação e que se retirou dela. Porém, a guerra ainda continuaria por quase dois anos. No discurso proferido por L. Ulrich no Teatro Sete de Setembro na noite de 5 de agosto, constata-se o otimismo e o reforço da defesa da liberdade:

caiu Humaitá! E o anjo da vitória entoa os cantos de jubilo em honra do exército, que a seus pés viu cair as mais formidáveis ameaças do Gibraltar sul americano. E ao Brasil, nossa querida pátria, que pertence a honra de abalar até os alicerces o orgulho do insensato que atrozmente o insultara e provar ao infeliz povo que ainda geme sob os ferros da mais dura escravidão, comprimido pelo mais nefando fanatismo, que do seu vencedor deve esperar sua ressurreição política e tomar em breve um lugar distinto entre as nações cultas e vivificadas pelo progresso e pelos raios da civilização (ULRICH, 1868: 215).

O editor da publicação, Antonio Joaquim Dias, também se pronunciou sobre a guerra enfatizando que o governo brasileiro não queria o conflito o qual foi provocado pelo ditador do Paraguai, Solano Lopez. Destacou que a fronteira do Rio Grande do Sul era frequentemente atacada por “bandidos orientais” e que no Uruguai, a propriedade particular brasileira não era respeitada pelos ladrões que cometiam crimes e infâmias contra “pacíficos cidadãos do Império”. Para Dias, os roubos e assassinatos eram diários e os clamores chegaram ao trono de D. Pedro II, um monarca “exemplar, que não podia ser indiferente às vozes da angústia e desespero daqueles seus súbditos ameaçados pelo mais feroz canibalismo” (DIAS, 1868: 89). A comunidade portuguesa no Brasil, conforme Dias, apóia a participação brasileira no conflito e “admiram o valor e heroísmo com que se tem batido os soldados do império. Não se queixam das conseqüências da guerra e se tanto fosse preciso, imitando muitos que lá tem empunhado a espingarda, correriam com entusiasmo a debelar o inimigo comum” (DIAS, 1868: 93).

Durante a Guerra do Paraguai, a defesa patriótica e intransigente do Brasil a partir da perspectiva liberal, conduz a uma configuração dos personagens na dimensão dos brasileiros como guerreiros da liberdade que deveriam libertar o povo paraguaio da opressão ditatorial de Lopez. Visão localizada a partir de referenciais ideológicos de sua época e construída no calor dos eventos. Portanto, a Guerra dos Paraguai recebe da maioria dos periódicos que existiram neste período, uma interpretação de defesa contra a tirania! A posição do *Arcádia* estava voltado a defesa liberalismo político e oposição a ditadura implantada pelo governante paraguaio. Certa historiografia brasileira na década de 1970, especialmente centrada no jornalista Julio Chiavenato, enfatiza o Brasil numa perspectiva imperialista de conluio com a Inglaterra, buscando esmagar uma saída latino-americana para o capitalismo numa visão reducionista e exaltadora daquele modelo ditatorial. Lopez surge como um mártir anti-imperialista e um emancipador do povo paraguaio e não como um ditador sanguinário. A posição comprometida ideologicamente do jornalista Chiavenato é parcial frente às novas leituras científicas

do tema como em Doratioto no livro *Maldita Guerra*. Polêmicas historiográficas inesgotáveis num país politicamente turbulento como o Paraguai!

A contribuição que o *Arcádia* pode trazer ao tema diz respeito à interpretação da Guerra do Paraguai: para o periódico, no calor da hora e não numa reflexão a posteriori, o excesso de poder e a personalidade sanguinária do ditador Lopez é que leva ao conflito e não uma política expansionista do Brasil em relação ao país vizinho. Como a historiografia da década de 1970, induz que a aversão discursiva a Lopez é uma construção ideológica de uma historiografia conservadora posterior ao conflito (como em Pedro Calmon e Oliveira Lima), constatar que o periodismo literário não apresenta esta visão, permite lançar um questionamento sobre onde realmente pode residir a parcialidade interpretativa e a manipulação ideológica da história...

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. *A Pequena Imprensa Rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: EdFurg, 1999.

ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *Visões do Rio Grande: a cidade sob o prisma europeu no século XIX*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1995.

ARCÁDIA. *Jornal ilustrado, literário, histórico, biográfico*. Dirigido por Antonio Joaquim Dias. 1 série, Rio Grande, maio de 1867, impresso na tipografia do Diário do Rio Grande.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868-1880)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

_____. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997.

CALMON, Pedro. *História da Civilização Brasileira*. Brasília: Senado Federal, 2002.

CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

DIAS, Antonio Joaquim. *Arcádia*. Rio Grande: vol. 2, 1868.

_____. *Arcádia*. Rio Grande: 1869.

_____. Até que enfim. *Arcádia, Jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico*. Pelotas, 1870, 4ª série.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FONTANA, Carlos Eugênio In: *Arcádia*. Rio Grande: vol. 1, 1867.

_____. Apontamentos Históricos, Topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande In: *Arcádia*. Rio Grande: 1869.

LIMA, Oliveira. *O Império Brasileiro*. São Paulo: Itatiaia, 1989.

MOREIRA, Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1991.

OZÓRIO, Fernando. O Escravo In: *Arcádia*. Rio Grande: vol. 2, 1868.

PAREDES, Glodomiro Menezes In: *Arcádia*. Rio Grande: vol. 3, 1869.

PINTO, Genivaldo Gonçalves. A Província na Guerra do Paraguai. In: *História Geral do Rio Grande do Sul – Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, vol. 2.

PINTO, Antonio de Maria. A Invasão da Fronteira de Jaguarão In: *Arcádia*. Rio Grande: vol. 2, 1868.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

THIBAUT, José Vicente In: *Arcádia*. Rio Grande: vol. 3, 1869.

TIBULLO. In: *Arcádia*. Rio Grande: vol. 2, 1868.

TORRES, Luiz Henrique. *Rio Grande: 180 anos de jornalismo*. Rio Grande: FURG, 2012.

ULRICH, Artur de Lara. Utilidade da História In: *Arcádia*. Rio Grande: vol. 1, 1867.

_____. *Arcádia*. Rio Grande: vol. 2, 1868.